

“Há que guardar a poesia”: O instante e a natureza em Lenilde Freitas

Thaísa Rochelle Pereira Martins*

José Hélder Pinheiro Alves**

Resumo

O presente artigo propõe uma abordagem da construção de imagens poéticas relacionadas ao instante em poemas de Lenilde Freitas. A composição tem por base um olhar voltado à natureza, elemento que percorre boa parte dos textos da autora. Sendo assim, no primeiro momento, será apresentada a poeta, seu percurso literário e algumas noções iniciais sobre a representação da fugacidade pela linguagem poética. Posteriormente, as discussões estarão centradas na abordagem teórica sobre a formação da imagem na poesia, a natureza e o instante, categorias contempladas mais adiante, na leitura analítica. Para isso, recorreremos, sobretudo, aos estudos de Paz (1982), Cunha (2000), Bosi (2000), Candido (2000) e Bachelard (1994). As reflexões desses autores serão fundamentais para compreender as configurações imagéticas do instante por meio de percepções oriundas da natureza nos poemas de Lenilde Freitas, contempladas no penúltimo tópico. Por fim, pode-se afirmar que as produções da poeta são carregadas de valor estético e uma riqueza de imagens líricas que, no caso específico da elaboração do instante poético, possibilita ao leitor uma experiência de ressignificação do tempo, de sua relação com a natureza e com o próprio cotidiano.

Palavras-chave: imagem; poesia; natureza; instante poético; Lenilde Freitas.

* Doutoranda em Ensino de Literatura e Formação de Leitores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora da rede estadual de Pernambuco. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7868-8466>.

** Professor Doutor do curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Linguagem da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>

“Poetry must be kept”: the instant and nature in Lenilde Freitas

Abstract

This paper proposes an approach to the construction of poetic images related to the moment in poems by Lenilde Freitas. This composition is based on a focus on nature, an element that runs through much of the author’s texts. Therefore, in the first part, the poet will be introduced, along with her literary journey, as well as some initial notions about the representation of transience through poetic language. Subsequently, the discussions will be centered on the theoretical approach to the formation of the image in poetry, nature, and the moment, categories further explored in the analytical reading. To do this, we will mainly refer to the studies of Paz (1982), Cunha (2000), Bosi (2000), Candido (2000), and Bachelard (1994). The insights of these authors will be crucial to understanding the imagistic configurations of the moment through perceptions stemming from nature in Lenilde Freitas’ poems, as discussed in the penultimate section. Finally, it can be affirmed that the poet’s productions are filled with aesthetic value and a wealth of lyrical images that, in the specific case of the elaboration of the poetic moment, allow the reader an experience of redefining time, its relationship with nature, and everyday life.

Keywords: image. poetry; nature; poetic moment; Lenilde Freitas.

Introdução¹

Este artigo tem por objetivo apresentar uma leitura analítica da configuração do instante nas imagens poéticas de alguns poemas da autora paraibana Lenilde Freitas, nascida em Campina Grande (PB), mas radicada em Recife – PE, onde atualmente reside². Em relação ao seu percurso como poeta, em 1987 Lenilde Freitas publicou seus dois primeiros livros de poemas: *Esboço de Eva e Desvios*, este último rendeu-lhe o *Prêmio Pasárgada de Poesia*. Depois foi a vez de *Cercanias* (1989), que, de acordo com Alves (2014), segue a linha do registro lírico-reflexivo sintetizado, como acontece desde o primeiro livro. Em 1991, ocorre a publicação de sua quarta obra, *Espaço neutro*, que recebeu o prêmio *Nestlé de Literatura* e traz percepções, revelações, que podem ter uma continuidade nas páginas seguintes, desconstruindo a divisão em estrofes tradicionais (Alves, 2014, p. 15). Logo em seguida, vem *Tributos* (1994) e em 2001, *Grãos na eira*, que dá continuidade à tradição do olhar atento ao cotidiano. *A casa encantada* (2009) apresenta poemas relacionados ao contexto infantil. Sua última publicação foi *A corça no campo* (2010), uma coletânea de poemas divididos por temas que estiveram sempre presentes no fazer poético da escritora.

Com oito livros publicados, a produção da poeta é extensa e apresenta um corpus significativo para os estudos literários. No entanto, sua obra ainda é pouco abordada pela crítica, fato que reforça a necessidade de, cada vez mais, possibilitar novos e maiores espaços para a poesia de autoria feminina. Desse modo, estudar os textos da poeta é significativo por contribuir com o

¹ Este trabalho apresenta um recorte da tese de doutorado da autora deste artigo, a qual aborda algumas temáticas da poesia de Lenilde Freitas que têm como eixo central as imagens construídas a partir do olhar detido sobre a natureza.

² Até o momento de elaboração desse texto, em setembro de 2023.

campo de pesquisas voltadas para a lírica de mulheres, visto que estas ficaram, por muito tempo, à margem do cânone literário e, conseqüentemente, dos estudos sobre poesia.

A pesquisa realizada por Alves (2014), a título de exemplo, atesta essa ausência da voz feminina nas obras mais conhecidas sobre a poesia brasileira. O estudioso destaca que as antologias publicadas ao longo do século XX e início do século XXI não apresentam obras significativas de poemas escritos por mulheres e que, mesmo em antologias mais recentes, esses poemas vêm em um número bastante reduzido se comparados à lírica masculina. Daí a importância de trabalhos que abordem a lírica feminina, suas construções estéticas e sua relevância dentro das experiências humanas.

No que se refere à produção de Lenilde Freitas, a configuração da linguagem poética, baseada na percepção de instantes, de um olhar acurado sobre o cotidiano e de experiências humanas das mais diversas, na maioria das vezes ligadas a imagens que surgem da natureza, revelam as peculiaridades da subjetividade lírica e das composições imagéticas, assim como concepções do eu poético acerca do mundo. Em relação ao plano temático, em seu relevante estudo sobre as obras da poeta, Alves (2014, p.12) destaca “um caráter sempre reflexivo, atento ao tempo e seus (des)mandos [...] vivências amorosas às vezes doídas, situações, reflexões, observações sobre o cotidiano, tudo de modo sempre contido”. Na abordagem deste trabalho, nos deteremos a imagens relacionadas a percepções sobre o instante enquanto momento captado e transformado em vivência pela linguagem poética.

A capacidade de flagrar e representar o instante, a curta duração de um determinado acontecimento ou vivência, é uma das características recorrentes na poesia. Sobre esse aspecto,

Gaston Bachelard (1994, p. 183) destaca que o poema pode ser encarado como uma “metafísica instantânea”, uma vez que ele desconstrói a continuidade de um tempo comum, encadeado, para acomodar simultaneidades atadas a um instante estabilizado pela linguagem. É assim que, de acordo com o autor, surge o instante poético, não mais medido a partir de uma organização linear, mas guiado pela percepção, que atribui significado e valor ao momentâneo, muitas vezes encarada como mera banalidade. Em muitos poemas de Lenilde Freitas é possível observar essa construção que, apesar de constante na poesia, ganha peculiares nuances na produção da autora. Nesse sentido, é relevante discutir a formação das imagens acionadas para registrar o instante.

Essas imagens, nos textos da poeta, muitas vezes, surgem de um olhar atento à natureza, elemento presente no decorrer de uma tradição lírica³, mas que é renovado na poesia contemporânea de Lenilde Freitas. Frequentemente, os deslumbramentos do eu poético em torno da natureza desvelam uma preocupação com o instante, um desejo de eternizá-lo. Sendo assim, um olhar que se desdobra sobre o curto tempo em que as coisas acontecem capta imagens que necessitam ser apreendidas, “guardadas” (para usar uma expressão que aparece em seus poemas), por meio da experiência lírica. Antes, porém, de adentrarmos na leitura analítica com o objetivo de discutir como se dá essa configuração imagética, é significativo elencar algumas noções teóricas referentes à imagem, instante e natureza na poesia, que contribuirão para uma melhor compreensão das análises.

³ Os poetas clássicos, árcades e românticos são alguns dos exemplos de uma tradição que tem na natureza suas fontes de inspirações poéticas e reflexões acerca da vida humana.

2 A imagem, o instante e a natureza na poesia

A presença da natureza na literatura tem uma longa tradição e esse fato não é à toa, visto que ela possui uma ligação intrínseca à vida humana, um meio de expressão que representa, tomando como aporte as colocações de Bosi (2000), uma resistência à mecanização das relações sociais. No seu ensaio *Poesia-resistência*, o autor apresenta formas pelas quais o poético existe – e resiste – no interior do processo capitalista, a exemplo da *poesia-sátira*, *poesia-utopia* e *poesia-mito*. É dentro desta última que se encontra a poesia da natureza, que pode expressar a capacidade do homem de voltar-se para si e para um tempo perdido, o qual, segundo Bosi (2000, p. 181), é “anterior ao domínio da máquina sobre a natureza; ou tempo órfico, revivido, em que o domínio e o cálculo ficam suspensos enquanto dura o encanto”. Por isso, existe certa necessidade de compreender o mundo a partir das projeções do sujeito sobre a natureza, pois essa experiência pode significar, por meio da linguagem poética, uma reconciliação com a própria condição humana.

Relevante, nesse sentido, se tornam também as reflexões de Ailton Krenak (2020), que, mesmo não sendo voltadas para a literatura, nos ajudam a entender como, equivocadamente, durante muito tempo, fomos ensinados que há uma linha divisória entre humanos e natureza; porém o pensador e líder indígena questiona essa concepção (que se acentuou ainda mais com o processo capitalista) para elaborar uma visão que coloca o homem como uma extensão do próprio mundo natural, em uma relação de interdependência entre as partes.

Os poemas de Lenilde Freitas, sob esse olhar, resgatam a relação íntima homem-natureza a partir de uma riqueza

de imagens poéticas que podem levar o leitor a experimentar vivências importantes para a sua formação humana. A composição imagética, nos textos da poeta, é fundada, sobretudo em um elemento que percorre praticamente toda a sua lírica: a percepção. É por meio desta, por exemplo, que um determinado momento – geralmente considerado simplório pela sociedade – é flagrado e transformado, a partir da linguagem poética, em um acontecimento singular, que denota certa preciosidade. Nesse ponto, vale ressaltar as considerações de Cunha (2000) ao discutir a natureza na poesia do francês Paul Eluard e de Manuel Bandeira. A estudiosa observa que as imagens

[...] são o fruto de uma identificação que se estabelece no âmbito da percepção e provocam, no seio da imaginação criadora, o desencadear de sensações que se ajustam e se superpõem às conhecidas. Por essa simbiose emocional, induzem sentidos e valores novos que se concretizam para formar uma realidade diferente. Diferente porque se aloja no campo da imaginação, mas verdadeira porque, pelo plano da sensibilidade e da emoção, é real, concreta e perceptível (Cunha, 2000, p. 40).

Nesse caminhar, a percepção é ponto de partida para a criação das imagens. Por isso, com o objetivo de entender melhor esse conceito, faz-se válido aludir à abordagem de Merleau-Ponty (2011) em seu livro *Fenomenologia da percepção*, principalmente as considerações que diferenciam a percepção de um conhecimento objetivo, colocando-a enquanto uma intenção de “nosso ser total”, uma visão “pré-objetiva”. Isso quer dizer que a forma como o sujeito percebe o mundo vai além de um mero conjunto de reflexos e estímulos externos, mas se aproxima muito mais de experiências psíquicas individuais. Sobre esse ponto, o autor salienta:

Há portanto uma certa consistência de nosso “mundo”, relativamente independente dos estímulos, que proíbe tratar o ser no mundo como uma soma de reflexos – uma certa energia da pulsação da existência, relativamente independente de nossos pensamentos voluntários, que proíbe tratá-lo como um ato de consciência (Merleau-Ponty, 2011, p. 119).

Fica evidente, pois, que as imagens, nascidas da percepção do poeta, estão ligadas a uma experiência subjetiva, que difere, em certo ponto, das classificações objetivas e que podem também despertar no leitor estímulos diversos ligados à emoção. Desse modo, a formação imagética escapa ao senso comum e se aproxima à definição de Octavio Paz (1982), quando este assinala que a imagem na poesia acontece a partir da aproximação de opostos, que representam uma unidade, uma linguagem em tensão. Assim, por meio das imagens poéticas, o poema expressa aquilo que não poderia ter sido dito sem a própria imagem; é uma percepção singular, que vai além da própria palavra. Mas o fato de ser encarada como uma construção que contraria uma lógica não a torna inacessível; ao contrário, “o poeta afirma que suas imagens nos dizem algo sobre nós mesmos e que esse algo, ainda que pareça um disparate, nos revela de fato o que somos” (Paz, 1982, p.131). Nesse viés, o autor deixa claro que as imagens têm seu sentido dentro do poema e que elas dispensam explicações definitivas, pois dizem sempre “algo que poderia ser e não o que é”.

É nesse sentido que muitas imagens poéticas das produções de Lenilde Freitas revelam a urgência em eternizar os instantes por intermédio de um olhar perceptivo e demorado para aquilo que está presente no dia a dia do sujeito, sobretudo a natureza. Essa perspectiva está aproximada ao que Paz (1982) denomina “consagração do instante”, uma vez que, como bem salienta

o estudioso, a palavra poética transcende o tempo físico ou histórico para situar o que é veiculado pela poesia em um presente perene, que é capaz de comunicar aos homens em qualquer época, já que se trata de experiências intrínsecas à vida humana. No que diz respeito aos poemas da paraibana, há sempre flagras relacionados à natureza que transformam a fugacidade de uma cena em um momento peculiar, raro e, dessa forma, em uma vivência significativa para o leitor.

O estudo de Bachelard (1994) sobre o instante poético e metafísico também é pertinente para entendermos a configuração das imagens em Lenilde Freitas. De acordo com o teórico, a captação do instantâneo é um aspecto do fazer poético, sendo que tal construção subverte os quadros sociais da duração temporal para acomodar uma ambivalência (inclusive dos contrários), uma simultaneidade de sensações, de momentos, que não mais se inscrevem em uma linha do tempo, o qual “não corre mais. Jorra” (Bachelard, 1994, p. 185). O autor ainda enfatiza que esse engendramento só é possível por meio da emoção, dos sentidos. Essa perspectiva dialoga com a discussão de Meyerhoff (1976), sobretudo quando este destaca que o tempo constituído na literatura e nas artes pode libertar o sujeito de uma ordem cronológica, principalmente porque a duração temporal irá depender de um estado qualitativo da experiência. Assim, é concebível, por exemplo, que um olhar contemplativo para determinado instante, a partir do sentimento que ele desperta, se perdue para além da duração objetiva. Nesse caminhar, veremos como esse instante lírico é elaborado, na poesia de Lenilde Freitas, a partir de imagens colhidas na natureza.

3 “O ouro esporádico da vida”: natureza e percepção do instante na lírica de Lenilde Freitas

Como já apontado, uma característica que marca os versos de Lenilde Freitas é a captação do instante. A expressão “guardar”, inclusive, faz parte da lírica da poeta, seja de maneira explícita, aparecendo o vocábulo em alguns poemas – como o que será apresentado logo adiante – ou, sobretudo, na intenção de registrar poeticamente momentos, acontecimentos, aspectos relacionados à natureza, sensações; direcionando, na perspectiva de Paz (1982), o leitor a recriar o instante e a si mesmo.

Abaixo temos o poema, publicado originalmente no livro *Desvios*, de 1987, cujo título (e a reflexão que ele suscita) está presente no próprio título desta tese.

Guardando o dia
Há que guardar um pouco deste dia:
a cor do mundo
a paisagem confundida
a exaurida hora, a manhã
a tarde, ou mesmo a noite
acesa sem medida.
Há que guardar um pouco deste dia:
pois o cair da vida sobre a vida
evapora a memória acumulada
E se cada vez mais menos somos
Na dissolvidência das estrofes consumidas,
há que guardar um pouco deste dia:
há que guardar alguma coisa
– bem guardada.

Decidimos iniciar a leitura com esse poema porque, apesar de não haver menções explícitas a elementos específicos da natureza, sua construção se volta para o registro de percepções relativas aos instantes que fazem parte do mundo exterior,

paisagens em volta (e aí se inclui a própria natureza), traço que circunda todo o fazer poético da autora. Além disso, é a partir da leitura desse poema, presente em seu primeiro livro, que se revelam traços da produção de Lenilde Freitas que serão levantados nas demais análises. Aqui, como será abordado a seguir, o sujeito lírico enfatiza a importância de registrar o instante. Mais adiante, em outros poemas que serão apresentados nesse tópico, essa voz nos mostra aquilo que a memória poética deveria “guardar”, momentos em que é possível observar a presença marcante da natureza.

Logo no primeiro verso de “Guardando o dia”, o sujeito lírico apresenta a necessidade de registrar o agora, sobretudo por meio do uso do verbo “haver”, que no contexto do poema ganha o sentido de “precisar”, “necessitar”. Nessa perspectiva, a expressão “deste dia”, que representa o que, de maneira geral, precisa ser “guardado”, sugere justamente o olhar sobre o instante, concepção reforçada pelo pronome “deste”, o qual indica uma proximidade entre “o dia” e o eu poético, aludindo a um presente que também pode ser o do próprio leitor. É a percepção sobre o agora que é despertada, do exato momento em que se lê o poema.

A repetição do vocábulo “guardar” – que contribui para a cadência do poema, até mesmo a partir das elipses nos versos – ao longo do texto, assinala ainda mais a urgência do registro lírico. Nesse caminhar, os dois pontos, após o primeiro verso, cumprem a função de apresentar exemplos do que, para o eu lírico, necessita ser percebido; e aqui destacamos o verso seguinte: “a cor do mundo”. Essa construção sinestésica frisa a visão, o olhar (mais perceptivo) para o cotidiano em volta do ser, um mundo que só adquire “cor” quando contemplado e

assimilado pelo sujeito. Mais adiante, as imagens relacionadas à “exaurida hora”, “manhã”, “tarde” e “noite” indicam uma gradação que evoca o próprio instante, ou seja, o curto espaço de tempo em que as coisas acontecem. Nesse ponto, temos o cerne da constituição da imagem poética, em consonância com Paz (1982): uma conciliação de opostos. Nesse poema, essa combinação contrastante se encontra justamente em fazer durar (guardar) aquilo que não é durável. Essa ideia pode ser confirmada pelo epíteto “exaurida”, associado à hora, a qual mal começa e já é acabada, mas que necessita ser preservada por meio das percepções, responsáveis por constituir a memória.

Assim acontece também com a imagem do verso anterior, “paisagem confundida”, uma vez que o epíteto “confundida” pode atribuir ao substantivo um caráter de transitoriedade, pois o movimento constante (do tempo – manhã, tarde, noite) acaba por provocar no sujeito uma mistura de breves impressões daquilo que se vivencia, o que dificulta a percepção de singularidade dos objetos e situações a serem “guardados”. Essa composição imagética é confirmada nos versos 8 e 9, que colocam, respectivamente, o movimento temporal (“cair da vida sobre a vida”) como o responsável por “evaporar a memória acumulada”. O oitavo verso aqui mencionado traz à tona a ideia do cotidiano que transcorre rapidamente, e daí surge a urgência colocada pela voz lírica de conservar momentos que são consumidos pela brevidade, representada, sobretudo, pela expressão “deste dia” ao longo do texto. A partir dessas imagens, surge a reflexão de que a ideia de conservação do instante só pode existir sob o signo do seu contrário: o movimento. É preciso entender o rápido movimento ao qual o ser está condicionado para valorizar o momentâneo.

Para exemplificar ainda melhor a reflexão no campo das artes, é possível citar essa ambivalência entre a captação do instante e o movimento na arte impressionista das pinturas do século XIX. Uma das características mais marcantes dessas produções é a construção das formas em movimento. O crítico e historiador de arte Ernst Gombrich (2018) salienta que Édouard Manet, um dos principais pintores impressionistas, se empenhou em trazer para as cenas de seus quadros a luz, velocidade e movimento. Essas escolhas conferem à pintura uma captação do momento vivenciado pelo artista, do qual “ele só se recordava aquilo que vira, em um instante, com seus próprios olhos” (Gombrich, 2018, p. 397). Assim, o instante e o movimento – que não deixa de significar a passagem do tempo – coexistem na mesma cena. Trazendo essa discussão para o poema, a lucidez em relação ao decorrer dos dias, como construída no texto em questão, é o ensejo principal para o apelo do eu poético no que diz respeito ao registro do instante.

Ainda fazendo um entrelaçamento com as artes plásticas, flagrar o momento concernente à natureza por meio da pintura foi algo que sempre esteve no cerne da arte impressionista. Por isso que, como frisa Gombrich (2018), Claude Monet abandonou seu ateliê para, muitas vezes, pintar sentado em seu bote, que lhe permitia melhor explorar diferentes atmosferas e os efeitos do rio. A natureza se torna a essência ideal do exato instante e de sua captação, pois ela “muda a cada minuto – basta uma nuvem encobrir o sol ou o vento romper o reflexo da água” (Gombrich, 2018, p. 397). Esse momento que salta aos olhos do pintor e que só pode ser representado por meio da alusão ao movimento, foi reproduzido a partir das pinceladas rápidas, técnica que costumava enfurecer os críticos da época. A poesia, como uma

forma de expressão artística, também enxerga na natureza o próprio instante. Registrando o movimento – tão rápido e breve – acolhe-se o momentâneo a partir de um olhar peculiar sobre a vida. Para confirmar essa ideia, leiamos o poema abaixo:

Instante
Um olhar a menos
e não seria possível
ver no amarelo dos cajus
– trapezistas balançando
na lembrança –
o ouro esporádico
da vida.

Esse poema foi publicado originalmente no livro *Grãos na eira*, em 2001. Como o próprio título da obra já sugere, muitos de seus textos apresentam um olhar inaugural e singular para aspectos da vida, principalmente observações acerca da natureza como meio de flagrar e eternizar o agora. É relevante destacar que, como analisado anteriormente, o primeiro livro da poeta já coloca o leitor diante das vivências relacionadas à necessidade de captar aquilo que é momentâneo, porém importante dentro da experiência humana, como lemos no poema “Guardando o dia”. *Grãos na eira* dá continuidade a esse aspecto da lírica da paraibana, o que nos faz refletir que o registro de instantes e a reflexão em torno destes é uma tradição bastante presente na poética de Lenilde Freitas.

O próprio título do poema acima deixa claro a sua “matéria prima”: o agora, o acontecer das coisas em um breve espaço de tempo. Logo no primeiro verso, a construção “olhar a menos” destaca a percepção voltada para algo que se desenrola rapidamente, revelado mais adiante. Aqui vale observar que a curta extensão dos dois primeiros versos (menores que o

posterior) já pode evocar a própria concepção de instante. A forma, que se aproxima do conteúdo, abre a possibilidade para despertar no leitor a sensação de brevidade, que pode ser acentuada a partir da leitura oral.

O terceiro verso coloca o leitor diante da imagem que deve ser “guardada” a partir de um olhar atento: “o amarelo dos cajus”. O sujeito lírico, a partir da cor do caju, destaca a importância e ao mesmo tempo a raridade desse elemento, colocado como “o ouro esporádico/da vida”. Sendo assim, a observação em torno da natureza, que faz parte do cotidiano, muitas vezes tratado como trivial, ganha singularidade e significado relevante dentro da vida humana, traço que se repete em muitos outros poemas da autora. Essa peculiaridade, no caso dos cajus, é ressaltada antes dos versos finais, nos versos 4 e 5, que representam uma “pausa” (marcada pelos travessões) entre o pensamento inicial do eu lírico e sua conclusão.

A imagem que se tem nesses versos é construída inteiramente por meio de uma dimensão visual. A personificação dos cajus, colocados como trapezistas, que se balançam, possivelmente, devido ao efeito causado pelo vento, sugere a ideia de fragilidade, reforçada pelo verso seguinte, que indica onde os trapezistas/cajus estão se balançando: “na lembrança”. Nesse sentido, é a cena dos cajus balançados pelo vento e sendo segurados pelos galhos, aparentemente frágeis, que ganha uma dimensão peculiar, somente possível de ser construída porque a imagem aproxima duas experiências: a observada na natureza e a vivenciada pelo ser humano; não é à toa que os cajus viram trapezistas e que a fragilidade – que se encontra como uma vivência humana – é usada para definir a percepção sobre a cena. Dessa perspectiva, podemos extrair a reflexão sobre a estreita

relação entre homem e natureza, uma ideia que é possível ser observada nas construções poéticas de Lenilde Freitas.

Nesse caminhar, em uma discussão voltada para as questões filosóficas que circundam a natureza, Márcia Gonçalves (2006) destaca como alguns estudiosos conceberam a natureza como um ciclo organizado ao qual o ser humano é intrínseco, a exemplo da teoria de Schelling, que considera o homem não apenas como parte ou fim último da dinâmica da natureza, mas como meio pelo qual ela é revelada. Assim, fazendo alusão aos estudos de Schelling, a autora aborda que especular sobre a natureza implica experimentá-la a partir de nosso espírito, o qual possui um sistema em sincronia com o da natureza, ou seja, “a relação entre ambos é análoga à de dois espelhos que, posicionados um de frente para o outro, multiplicam seu reflexo ou suas imagens ao infinito” (Gonçalves, 2006, p. 39). Essas colocações são significativas para entendermos como a poesia aqui estudada é constituída de imagens fundadas na relação íntima sujeito/natureza, em que, muitas vezes, as percepções humanas – do eu poético – se misturam aos instantes de contemplação. Como observado no poema, é uma experiência lírica que surge a partir da projeção do ser na natureza.

No poema acima, essa experiência acontece pelo flagra do movimento dos cajus, que descortina a ideia de fragilidade, o que acaba concebendo esse instante como uma preciosidade da vida. Essa construção está relacionada ao que Paz (1982) aborda como a capacidade que a poesia tem de “consagrar os instantes”, uma vez que o poema evoca uma vivência que não se coloca fixa em uma linha temporal, é um presente eterno. Essa consagração, na poesia de Lenilde Freitas, surge da capacidade de extrair da natureza – e de projetar nesta – experiências envolvidas pela

carga de subjetividade oriunda de um olhar peculiar e atento, só conseguido a partir de uma unidade entre natureza e ser humano. O poema abaixo, dentre tantos outros, também traz essa característica:

Olhando a árvore
Um bem querer de folhas
acarinha o pássaro.

No relógio do peito
os ponteiros retrocedem.

“Olhando a árvore” se encontra em *A corça no campo* (2010) e segue a tradição do registro lírico do instante. Em um primeiro momento, do ponto de vista formal, destaca-se os versos curtos, traço já observado no poema anterior e que podemos colocar como um estilo recorrente da paraibana. Esse aspecto é ressaltado no prefácio desse livro pelo crítico pernambucano Lourival Holanda, que destaca a “economia do material linguístico” na obra da poeta. Tal configuração marcante não sugere uma carência de sentidos, ao contrário, “a economia do material linguístico reforça a riqueza semântica” (Holanda, 2010, p.30), o que deixa o leitor com a impressão de que “foi dito muito a partir de poucas palavras”, uma vez que as imagens poéticas construídas podem despertar reflexões e até sentimentos complexos sobre a vida. Ainda podemos dizer que a concisão dos poemas se relaciona a uma percepção do momento. A esse respeito, Holanda (2010, p. 20) afirma que “não há em Lenilde uma proliferação aleatória do imaginário poético – mas, antes, seu controle, uma acurada sintaxe de imagens”. O estudioso ainda destaca que essa concisão, no entanto, não torna os poemas da autora enigmáticos, inclusive, em certos momentos, percebe-se certa coloquialidade.

Uma característica recorrente na lírica da poeta que corrobora ainda mais esse tom coloquial é o fato de seus versos serem, na grande maioria das vezes, brancos, como pode ser observado no poema acima e nos demais discutidos aqui. A ausência de rimas, somada à opção por um vocabulário mais simples, confere a sua poesia uma aproximação ao prosaico, que pode acentuar a percepção acerca do singelo, captado por uma linguagem também singela. Essa familiaridade que a poesia da paraibana desperta no leitor é importante para a poetização do corriqueiro e, portanto, dos acontecimentos e cenas momentâneas.

Desse modo, forma e conteúdo, no poema acima, consagram o instante a partir de um olhar sensível para a natureza e de uma linguagem simples, próxima ao cotidiano do leitor. Essa linguagem coloca em cena imagens sucintas para expressar poeticamente o momento captado pela visão atenta. Para entendermos melhor, comecemos pelo título “Olhando a árvore”, pois ele é parte fundamental desse poema. A forma verbal “olhando” corrobora o sentido do “instante eternizado”, discutido por Paz (1982), visto que a escolha desse verbo no gerúndio dá a ideia de uma ação contínua, duradoura, sem fim definido. Gaston Bachelard (1994) salienta que esse tempo, na poesia, pode ser encarado como “instante metafísico”, pois é detido, estabilizado pela linguagem poética. É também chamado pelo autor de “tempo vertical”, para diferenciá-lo do tempo comum, “que foge horizontalmente com a água do rio, com o vento que passa” (Bachelard, 1994, p. 184).

Assim como acontece em outros poemas da autora, a percepção do instante se dá por meio de um viés sinestésico, com destaque para o visual, como fica claro no próprio título destacado. O olhar atento do eu poético flagra o momento

colocado logo no primeiro dístico, a partir de dois versos curtos (“Um bem querer de folhas/acarinha o pássaro”), assim como também é o breve acontecimento em que as folhas tocam o pássaro em uma árvore. Há, portanto, uma percepção particular para algo que faz parte do cotidiano na natureza e que, longe da perspectiva poética, pode ser encarado até como trivial. A observação em torno da natureza leva o sujeito lírico a atribuir-lhe traços personificados, como observado no poema anterior. A forma verbal “acarinha” transforma o que pode ser o movimento das folhas sobre o pássaro em um gesto de afeto. Nesse sentido, percebemos mais uma vez a relação estreita entre homem e natureza, uma vez que aquele transfere a estas emoções que são próprias de suas vivências.

O termo “acarinha” também acomoda o próprio instante poético, pois significa o movimento das folhas sobre o pássaro; o breve movimento, que é a essência do instante e o anseio do deslumbramento lírico que o “consagra”. Note-se que esse verbo se encontra no presente, e não por acaso, visto que o momento da poesia que “guarda” o instante é o agora. O poema transforma o acontecimento captado em um “presente eterno” e o insere no tempo metafísico (Bachelard, 1994), que foge da percepção humana comum. Sob esse ponto de vista, Bachelard (1994, p. 187) afirma que “para viver é preciso sempre trair fantasmas”, ou seja, salienta que o instante poético apaga o passado e o futuro para se alimentar do agora. O melhor espaço para captar esse agora, em Lenilde Freitas, é a natureza, pois os elementos que fazem parte desta são considerados organismos vivos, em movimento contínuo, e basta um olhar singular, impregnado de subjetividade, para projetá-lo afora da linha temporal, tornando-o duradouro. Assim, no primeiro dístico desse poema, folhas e

pássaros ganham uma perspectiva que escapa do habitual para construção de um momento cujo seu significado ecoa forte na alma humana, já que a imagem do toque das folhas sobre o pássaro sugere o afeto, o “bem querer”, que desperta a disposição anímica manifestada na segunda estrofe.

Os versos da segunda estrofe, se lidos de maneira desatenta, podem, em um primeiro momento, parecerem deslocados semanticamente dos dois primeiros, visto que, aparentemente, não há um desenrolar da imagem experienciada na primeira estrofe, ao contrário, há a impressão de um deslocamento para uma outra situação, voltada para o interior do sujeito lírico. O olhar foge do flagra externo – sobre a natureza – para se situar em um campo introspectivo, movimento muito comum na poesia da paraibana. No entanto, esses dois momentos, das duas estrofes, são concomitantes e fazem parte do mesmo instante poético; é a observação em torno das folhas, que parecem acariciar o pássaro, que desencadeia a emoção expressada no segundo dístico, o qual inicia situando o tempo de acordo com a experiência do eu poético, uma vez que “No relógio do peito” manifesta uma percepção de tempo subjetiva, ligada a uma vivência singular, interior, como indica o adjunto adnominal “do peito”. Essa vivência está entrelaçada ao flagra nos primeiros versos; é o olhar sobre o pássaro e as folhas que a desperta.

O segundo verso dessa segunda estrofe, “os ponteiros retrocedem”, desperta a ideia de tempo subjetivo intrínseco à experiência lírica, a qual leva o eu poético a situar-se, possivelmente, em vivências do passado, como sugere o verbo “retrocedem”. Nesse caminhar, a imagem colhida na natureza, traduzida em afeto sob o olhar lírico, evoca lembranças passadas, mas que são trazidas à tona ao mesmo tempo em

que a cena se desenrola. O próprio verbo que alude o retorno de supostas vivências – “retrocedem” – se encontra no tempo presente, assim como a forma “acarinha” dos versos anteriores. Em um só instante, o eu lírico experimenta o gozo da percepção de afeto colhida no movimento das folhas sobre o pássaro e o sentimento de nostalgia. Estamos, dessa maneira, diante da característica da simultaneidade do instante poético abordada por Bachelard (1994, p. 188), que frisa que “as simultaneidades sensíveis, que reúnem perfumes, cores e sons, não fazem senão atrair simultaneidades mais longínquas e mais profundas”. Essa citação do autor está relacionada à poesia de Baudelaire, mas pode aqui se encaixar ao poema de Lenilde Freitas, pois a concomitância do instante vivenciado desperta no eu lírico uma experiência que possui ressonâncias arraigadas, complexas.

Desse modo, “os ponteiros do relógio do peito” da voz poética não indicam explicitamente qual a vivência deslocada para o presente pela percepção, também não sabemos se esta tem conotações positivas ou negativas, inferimos apenas que a experiência acordada está ligada ao afeto, ao carinho, observado na relação entre as folhas e o pássaro. Essa configuração nasce da própria sintaxe concisa do poema, aspecto já mencionado acima sob o ponto de vista de Holanda (2010). O estudioso comenta que esse traço é fundamental na obra da poeta e acende a justificativa de que “mais que de explicação lógica, vive-se de experiência sensível, codificada” (Holanda, 2010, p. 17).

Alves (2014) também corrobora essa ideia ao mencionar que as observações acerca do cotidiano, na lírica de Lenilde Freitas, são feitas sempre de modo contido. O verso “os ponteiros retrocedem”, por exemplo, encerra o poema a partir de uma imagem sucinta, mas que pode despertar sentimentos complexos

e abrir um emaranhado de percepções e possibilidades para o leitor. Sendo assim, a concisão das imagens vai ao encontro da concepção do instante poético, uma brevidade que tem a força de ressoar emoções humanas.

Para encerrarmos essa ideia e este tópico, foquemos no poema abaixo, que também faz parte da coletânea *A corça no campo*.

Sentidos
Vez em quando
olhos e mente compartilham
a madurez da uva:
cochicho de folhas
balançando antes da chuva.

É significativo destacar que o título desse poema traz a característica que percorre a parte da lírica de Lenilde Freitas que é voltada para a valorização do instante: a condição sinestésica para perceber o momento. A percepção atrelada aos sentidos aparece logo no segundo verso: olhos e mente são responsáveis por preservar/guardar a imagem da uva madura. Enquanto o termo “olhos” indica uma visão mais imediata, “mente” sugere justamente a conservação do presente, seu prolongamento no interior do sujeito lírico.

Os dois últimos versos apresentam duas outras imagens que vão ao encontro da imagem da uva madura para juntas formarem a cena do instante poético. O flagra lírico se dá, sobretudo, no verso “cochicho de folhas”, que novamente atribui uma característica humana para construir a ideia do movimento das folhas balançadas pelo vento (como alude o último verso), ao mesmo tempo que sugere o barulho – praticamente imperceptível – dessas folhas, o que reforça a perspectiva da presença da audição atenta ao momento presente. Vale ressaltar

que a sonoridade dos dígrafos “ch” em “cochicho” pode remeter ao próprio som do vento em uma leitura oral. É, portanto, esse termo que transfere a experiência da natureza para o campo das emoções humanas e transforma o balançar das folhas (breve movimento) da videira em um momento peculiar, que merece ser contemplado e guardado.

Essa percepção é corroborada por meio do conhecimento extratexto de que a parreira é uma planta de ciclo anual, por isso, há toda uma espera e cuidado em relação à colheita. Além disso, durante o inverno, a planta perde todas as suas folhas, mas com a vinda do calor e das chuvas de verão começa a encher-se de folhas e frutificar. No poema, o “cochicho” entre as folhas é ocasionado pelo vento, que prenuncia a chuva, imagem construída no último verso. É esse instante de flagra que se configura como uma espécie de raridade a partir da linguagem poética.

O instante poético em Lenilde Freitas é formulado, muitas vezes, pela contemplação em torno da natureza, de seus acontecimentos e, sobretudo, movimentos breves apreendidos pelos sentidos. A relação estreita entre a voz lírica e o mundo natural possibilita as percepções oriundas desta última e a sua consagração (Paz, 1982). Fora do contexto poético, como Krenak (2020) bem enfatiza, estamos cada vez mais desconectados do organismo vivo da Terra pela sociedade do consumo e entretenimento. O autor discute como as invenções contemporâneas são uma mera tentativa de nos projetarmos além de nossos corpos, nos oferecendo a sensação de poder, de continuação da existência. A poesia aqui analisada nos apresenta uma visão peculiar e até inaugural sobre a natureza, encarada como parte integrante da vida humana, sendo o olhar lírico voltado para seus instantes uma forma de projetar a própria

experiência para além da limitação temporal e atribuir certa lucidez à existência.

Considerações finais

Diante da abordagem neste trabalho, é possível evidenciar que a obra de Lenilde Freitas possui uma qualidade estética que merece destaque entre as produções contemporâneas de poesia. As imagens, carregadas de percepções particulares, orientadas pelos sentidos, podem levar o leitor a ter uma vivência com os poemas, que o desperta não só de modo sinestésico, mas o envolve em uma reflexão acurada sobre a vida, a sociedade e sua relação com o mundo. Um dos aspectos que contribuem para esse envolvimento é, na lírica da poeta, um olhar atento para a natureza, suas cenas e acontecimentos. Esse olhar é inaugural, pois promove um deslumbramento diante daquilo que é corriqueiro e, por isso mesmo, acaba se tornando banal.

A poesia de Lenilde Freitas cumpre, portanto, o importante papel de desautomatização da vida humana. No interior dessa ação se encontra uma filosofia que perpassa a construção lírica da autora: a existência de significados valiosos na transitoriedade dos momentos. Os versos da paraibana são capazes de capturar os instantes e, por meio da linguagem poética, eternizá-los, para que possam ser mais bem experienciados, para que deles seja extraído – como uma das imagens de um de seus poemas aqui analisados – “o ouro esporádico da vida”. Essa concepção se dá por meio de composições imagéticas que utilizam recursos variados (como a metáfora, comparações, prosopopeias) para aproximar vivências humanas à natureza e assim recuperar, por meio da poesia, uma relação apagada pela sociedade do consumo que, por vezes, forja a natureza como objeto.

É a partir desse diálogo homem-natureza que as ideias em torno do tempo também são reformuladas, visto que na

contemporaneidade o tempo é concebido através de uma visão capitalista, que dita de que forma o tempo deve ser utilizado pelos sujeitos sociais, geralmente por meio de uma ótica quantitativa. Nesse sentido, ao abordar as imagens de instantes poéticos, os textos da paraibana resgatam a capacidade do ser humano de (re) criar suas experiências através do contato com a natureza, que propicia visões singulares sobre o homem, suas emoções e sua própria condição transitória. É dessa forma que os poemas da autora paraibana conseguem “guardar” a poesia, desde as cenas mais triviais, como o movimento das folhas pelo vento que passa furtivo, até o exato momento em que o galho, reclamando o peso de seu fruto, se inclina exaurido. Assim, do instante coruscante, nasce a experiência da percepção.

Referências

- ALVES, Hélder Pinheiro. Grãos de poesia: sobre a lírica de Lenilde Freitas. *Sociopoética*, Campina Grande, v. 1, nº12, p. 9-27, Campina Grande, jan./jun. 2014.
- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BOSI, Alfredo. Poesia-resistência. In. *O ser e o tempo da poesia*. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FREITAS, Lenilde. *A corça no campo*: coletânea de poemas. Recife: Editora da Autora, 2010.
- FREITAS, Lenilde. *Grãos na eira*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. Tradução de Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2018.
- GONÇALVES, Márcia. *Filosofia da natureza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

HOLANDA, Lourival. *A persistência da estrela*. In. FREITAS, Lenilde. *A corça no campo*. Recife: Ed. da autora, 2010, p. 15-22.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MERLEAU-POTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 4.ed. Tradução de Carlos A. R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MEYERHOFF, Hans. *O tempo na literatura*. Tradução de Myriam Campello. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. 2ª Ed. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.